

EDITORIAL

Desde as manifestações chamadas de Jornadas de Junho de 2013, vem ganhando força na política e na sociedade brasileira um conjunto de setores ideologicamente conservadores. Estes vem, neste período, buscando mecanismos de anulação de avanços progressistas e a imposição de suas bandeiras. Indo além, vem tentando também impor processos formativos que inibam a formação de pensamento crítico. Paradoxalmente, é em nome da negação de ideologias que estes setores vem impondo retrocessos no campo dos direitos e tentando viabilizar que apenas as suas próprias ideologias sejam validadas nos aparatos de produção e difusão de conhecimento.

A principal expressão desta onda é o projeto “Escola Sem Partido”, mas ela está presente nas reações aos avanços de grupos historicamente oprimidos e nos diversos campos de promoção de políticas públicas. A Geografia sofre tais ataques tanto nas reformas educacionais em curso (como a Reforma do Ensino Médio, que reduz o papel desta disciplina no currículo escolar, ou na forma da Base Nacional Comum Curricular, cerceadora de criatividade e liberdades pedagógicas) quanto nas políticas territoriais retrógradas que vem desde 2016 sendo constituídas.

Ao invés da farsa da possibilidade de algo “sem partido” ou, sem ideologia, aqui a Geografia toma partido, denuncia a manipulação por trás de tal lema e se coloca como uma ciência comprometida com a transformação social. Este número da Terra Livre parte de tal urgência.

Que sejam boas as leituras e ativos os debates!

Comissão de Publicações

FOREWORD

Since the demonstrations called June Journeys of 2013, a group of ideologically conservative sectors has been gaining strength in Brazilian politics and society. These groups, in this period, have come seeking mechanisms to annul progressive advances and imposing their flags. Going beyond, they have also tried to impose formative processes that inhibit the formation of critical thinking. Paradoxically, it is in the name of the denial of ideologies that these sectors have imposed setbacks in the field of rights and tried to make possible that only their own ideologies are validated in the apparatus of production and diffusion of knowledge.

The main expression of this wave is the "School Without Party" project, but it is present in the reactions to the advances of historically oppressed groups and in the various fields of public policy promotion. Geography suffers from such attacks both in ongoing educational reforms (such as the Reform of Secondary Education, which reduces the role of this discipline in the school curriculum, or in the form of the National Curricular Common Basis, curtailing creativity and pedagogical freedoms) and in the retrograde territorial policies which has been set up since 2016.

Instead of the farce of the possibility of something "without a party" or, without ideology, here Geography takes sides, denounces the manipulation behind such a proposal and places itself as a science committed to social transformation. This issue of Terra Livre Journal starts from such urgency.

Let the lectures be good and active the debates!

The Editors

EDITORIAL

Desde las manifestaciones llamadas Jornadas de Junio de 2013, viene ganando fuerza en la política y en la sociedad brasileña un conjunto de sectores ideológicamente conservadores. Estos vienen, en este período, buscando mecanismos de anulación de avances progresistas y la imposición de sus banderas. Además, viene tratando de imponer procesos formativos que inhiben la formación de pensamiento crítico. Paradójicamente, es en nombre de la negación de ideologías que estos sectores vienen imponiendo retrocesos en el campo de los derechos e intentando viabilizar que sólo sus propias ideologías sean validadas en los aparatos de producción y difusión de conocimiento.

La principal expresión de esta ola es el proyecto "Escuela sin Partido", pero está presente en las reacciones a los avances de grupos históricamente oprimidos y en los diversos campos de promoción de políticas públicas. La Geografía sufre tales ataques tanto en las reformas educativas en curso (como la Reforma de la Enseñanza Media, que reduce el papel de esta disciplina en el currículo escolar, o en la forma de la Base Nacional Común Curricular, limitadora de creatividades y libertades pedagógicas) como en las políticas territoriales retrógradas que viene desde 2016 siendo constituidas.

En vez de la farsa de la posibilidad de algo "sin partido" o, sin ideología, aquí la Geografía toma partido, denuncia la manipulación detrás de tal lema y se sitúa como una ciencia comprometida con la transformación social. Este número de la Tierra Libre parte de tal urgencia.

¡Que sean buenas las lecturas y activos los debates!

Colectivo de publicaciones